

# O desastre dos informados (I)

9 DEZ 1991

Francisco Manoel  
de Mello Franco \*

Era tranqüila a opinião dos informados, naquela Lisboa silenciosa do inicio do ano de 1974. A velha e magnifica cidade parecia calma, na paz que dizia-se estender-se até o Ultramar, parte integrante da nação porque assim o determinava a lei. Nas províncias ultramarinas, aplaudia-se oficialmente essa lei, como haviam os austriacos aplaudido o "Anschluss", e os esclarecidos orgulhavam-se da posição da pátria de história gloriosa, que defendia o Ocidente e a civilização ocidental, na presunção de que os grandes interesses não se defendem bem.

Mas a consagração daqueles mitos parecia não se coadunar com um estranho fenômeno que se observava, no mundo editorial: um livro novo, um tanto confuso, ou pouco nítido, permitia-se discutir os axiomas daquela *pax*, e, com espanto, atingia a 566ª edição em abril!

A 25 de abril caía o governo, instuído desde 1932, com o povo nas ruas, em festejos de alegria insuspeitada, pelos graves "donos" da razão, os poderosos de então. E a esquerda, para confirmar a regra dos erros palmares dos informados, veio com o mais forte de seus intérpretes, Alvaro Cunhal, assegurar que Portugal poderia oscilar entre o fascismo e o comunismo, mas seria infenso à consolidação de uma democracia parlamentar... Mário Soares que o diga.

Pois foi esta que veio, sem as violências previstas pelos doutos, e no máximo com a velha prática lusa da vinhaça, porretada e tomé-lá-seu-comprade, a que se referia o velho Eça.

Mestre Gorbachev, no seu livro sobre a *Perestroika*, assegurava que nada mais distante da verdade do que o propalado estado desastroso da economia soviética. A boa situação do país era o resultado da revolução, a obra de Lênin, de força moral grandiosa, vivia nos corações e mentes dos cidadãos. Orgulhava-se da gratuidade da saúde e da educação, desconhecendo a máxima óbvia dos que têm que pagar: "There's no free lunch!"

A conversão ao capitalismo é impos-

sível, assegurava ele: "O potencial socialista é inegotável!"... "a propriedade coletiva, na qual se baseia, apresenta possibilidades ilimitadas"..., e concluía: "O que nos oferecem do Ocidente, em termos de economia, é inaceitável para nós."

Quanto à estrutura política da URSS, dizia ele: "Alguns políticos do Ocidente chegaram até mesmo a prever em seus discursos públicos o colapso do sistema soviético. Mas discursaram em vão." Ou: "A URSS representa um exemplo realmente único na História. Essa fraternidade entre nações e etnias é fruto da política de nacionalidade, implantada por Lênin." E concluía, falando dos povos das diversas repúblicas: "Vejo por mim mesmo, e cada vez mais, que estão orgulhosos e felizes, pelo fato de suas nações pertencerem a uma grande família internacional... Isso é o patriotismo soviético."

Sobre a Europa, dizia, falando do seu potencial econômico e tecnológico: "ele está disperso, porque a força da repulsão entre o Leste e o Ocidente é maior do que a atração". Ou: "as idéias sobre o renascimento da unidade alemã estão longe de ser um realpolitik... alimentar ilusões sobre uma volta a uma Alemanha com as fronteiras de 1937 significa semear a desconfiança... o que acontecerá *daqui a cem anos* (grifo nosso) deve ficar a cargo da História".

Esses erros dos informados vêm-me à consideração, quando assisto ao momento tonto do meu país. A tradição da análise monetária da economia, herdada dos livros-textos, escritos nos países desenvolvidos, onde a concorrência, a diversificação, a gestão da crise pública, a sofisticação da produção, a preocupação com a produtividade, que fazem com que a influência da monetização seja determinante sobre os períodos de recessão ou inflação, agride a realidade: a inflação triste, chamada "stagflação", é combatida como se fosse a inflação alegre, do pleno emprego. Os preços, que sobem sem que estejam sendo pressionados pela procura (ninguém está comprando), são combatidos por uma política que busca baixar essa procura inexistente, através de juros astronômicos e baixos salários. Foi, talvez, por isso, que Marcílio, isolado na

paisagem como o único ministro que terá certamente visto o que Bernanos considerava indispensável na formação dos homens — um campo de trigo maduro —, sabendo que não é a moeda que faz a grandeza do país, sendo, pelo contrário, resultado dela, espírito re-quantado, não compareceu ao encontro de economistas e ex-ministros, realizado há poucos dias no Rio, onde concluiriam os ditos doutos, por entre outras *trouvailles*, que:

- a saída é aplicar algum truque, para derrubar de súbito a inflação;
- é preciso uma lei antichoque;
- será preciso aplicar um choque;
- a tributação seletiva sobre o consumo se impõe;
- é preciso que o ajuste fiscal efetivo esteja feito;
- precisamos avançar na liberalização da economia;
- precisamos ter um programa claro e segui-lo rigorosamente.

Pois é. Se fizermos assim, dizem os mestres, estaremos salvos.

E a ciência política? E a meditação sobre a realidade brasileira? Qual o elo entre a bicicleta Caloi e o preço do feijão em Varginha? Como interpretar esse Brasil kleptomaniaco, esse futuro que não chega, esse desalento que nos distingue? Esse país que só ganharia hoje, como dizia o entristecido Mário Reis, um campeonato merecido: o de sacanagem!

De todos, um velho amigo Alberto Hahn, consultor de experiência internacional, colega dos tempos de calças curtas, é que dá a triste nota, verdadeira, afinada no diapasão da inteligência: "A biotecnologia acaba com as vocações naturais (as vantagens comparativas dos economistas)... a microeletrônica acabou com a vantagem de dispor de mão-de-obra abundante e barata... a ciência dos novos materiais acaba com a vantagem de ter recursos naturais... As portas estão fechadas."

Mas, o que fazer? Será tarde demais? Vamos continuar a pensar o Brasil, apesar da advertência de Gilberto Amado, de havê-lo feito inutilmente, por toda a sua vida.

Engenheiro, ex-secretário estadual de Planejamento Primeiro de uma série de dois artigos. O último será publicado amanhã